

# A NUVEM: a mediocridade de um continente refletida

por Marcos Cesana

*A Nuvem* começa numa poesia, em off, e sob uma chuva que segue durante todo o filme por uma Buenos Aires que vem “perdendo ou vendendo” seus valores a preço de banana. O diretor acentua essa degeneração logo de início, usando com originalidade a imagem de uma chuva ininterrupta, que dura aproximadamente quatro anos e mostra, que nesta sociedade, as pessoas, carros, cães, trens, e quase tudo que se move, anda por quase todo tempo, pra trás. A sensação que se têm é que o atraso é irremediável.

Solanas, diretor que já foi até candidato à presidência na Argentina por um partido de esquerda, luta contra esse retrocesso idiotizante e provavelmente contra o empobrecimento dos valores e da auto-estima do país que revelou Borges, Arlt e Cortazar na literatura.

Diretor de *Sur* e *Tangos, O Exílio de Gardel*, entre outros títulos, Solanas nunca abandonou o lirismo em suas obras. Todas elas apresentam sempre um discurso político-social associadas a um lirismo-mágico, próprio da narrativa portenha dos autores citados. Neste caso, além da chuva e do fato que quase tudo anda de costas, o grupo de teatro, com o sugestivo nome de Teatro Espelho, serve de reflexo da atual sociedade argentina, mas o é, no filme, um reflexo distorcido, pois resiste a descaracterização desta mesma sociedade. O grupo Teatro Espelho como qualquer grupo de teatro latino-americano, enfrenta problemas financeiros, não tem o apoio do Estado e, localizado na zona portuária da cidade, passa a ser ameaçado por uma desapropriação. A fita trata da tentativa do Estado de transformar toda região portuária, inclusive a sede do grupo, num grande complexo comercial e turístico.

A resistência dos membros do Teatro Espelho é o antídoto contra o que parece irremediável. É a cura contra a aculturação televisiva, americana e capitalista do fim do milênio. Assim, ‘Espelho’ é o reflexo deformado de uma sociedade deformada pela banalização. E resiste da maneira mais digna de se resistir. O grupo não se vende. O grupo não tem preço, não se corrompe. É um grupo que não precisa da mudança de repertório ou qualquer artifício para se manter. Faz durante toda sua existência sempre o mesmo tipo de espetáculo, sem degenerar para a comédia barata, classe média.

Esse prazer em fazer, também tornar-se-á uma prática da resistência: existir para fazer sobreviver a arte; resistir para não ser descartável; resistir para continuar a viver de teatro e não se vender para a TV; resistir para não se desfragmentar; resistir para ser o que se é, e ter prazer em viver como se vive.

Resistir como Solanas resiste, e faz desta prática de cinema, a sua prática. pela onda globalizante? Esta talvez seja a grande questão do filme.

## Os itens

O filme é dividido em subtítulos, Solanas fala dos Que Aguardam, da Modernidade, da Sentença, do Esquecimento, dos Prêmios, Castigos e Uivos. Esses itens que subdividem toda fita e fazem parte de um grande calvário para aqueles que resistem. Todos eles exigem dos personagens do Teatro Espelho uma enorme força de vontade, muito suor e lágrimas. Muitas lágrimas. As piores são derramadas diante da injustiça social e da injustiça do Estado. Que talvez seja hoje, com seus homens idiotizados, o maior culpado pela condução da carruagem chamada História.

Sobre isso, a peça Globo Rojos de Eduardo Pavlosky (o dono do Teatro Espelho no filme) faz uma boa análise, quando crítica boa parte da inteligência do país por estar se idiotizando apenas para agradar e ser aceita pelos idiotas. Idiotas da elite política, empresarial e comunicadora do país.

O último dos itens em *A Nuvem* é Obstinação. Ser obstinado, o único remédio para fazer o homem resistir a imbecilidade completa que parece tomar conta da Argentina, e que tem sucursal na televisão, na imprensa e na política brasileira. A diferença é que hoje faz sol.

Um cinema que quer sobreviver como cinema e não de cinema como entretenimento. Resistir, talvez, para não deixar contaminar-se pela maneira mais fácil e empobrecedora de se comunicar. Resistir para dizer algo efetivamente relevante.

É fundamental no filme, a maneira como o Estado, a Justiça e algumas pessoas tentam corromper outras. No caso do dramaturgo do grupo Espelho, que é chamado pela Secretaria de Cultura, e acha que talvez a Secretaria o estaria chamando para dar apoio ao grupo, mas quando chega no local, é informado que a Secretaria tem intenções de premiá-lo pelo conjunto da sua obra. Prêmio dado em nome de um silêncio diante do processo de desapropriação. Prêmio ao qual ele dá as costas.

Outros, se vendem. Se deixam levar pela atmosfera favorável. Correm atrás da sobrevivência. Evitam as dificuldades. Perseguem em prol de rendimento momentâneo, um falso crescimento artístico.

Este é o caso de um dos ex-componentes do Teatro Espelho, ainda muito ligado ao grupo, e que trabalha em televisão, e do Secretário de Cultura, que no fim do filme, insiste, ainda que num tom amigável, que o grupo de Teatro Espelho, desocupe o local, com a promessa de dar-lhes uma sala no conglomerado que será levantado ali.

Como continuar a atuar com enormes dificuldades e não se deixar levar.